

Ágora Eletrônica: Tipologia da Audiência Militante nos Programas Jornalísticos de Rádio AM, em São Luís (Brasil)¹

Ed Wilson Ferreira Araújo²

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA

Resumo

Os programas jornalísticos das emissoras de rádio AM, em São Luís (Maranhão-Brasil), têm uma expressiva participação dos ouvintes, abordando temas do cotidiano da cidade, através da fala ao vivo por telefone ou utilizando mensagens de texto e de voz. Este artigo tipifica e analisa a audiência militante nos referidos programas, empregando como eixo teórico-metodológico os Estudos Culturais latino-americanos, com ênfase na Teoria das Mediações de Martín-Barbero (2009). Utilizam-se instrumentos da metodologia qualitativa para aproximação da realidade: entrevista semi-estruturada com 15 participantes da Sociedade dos Ouvintes Maranhenses de Rádio (Somar) e diário de escuta. Os ouvintes militantes são tipificados de acordo com as características de atuação nos programas e do sentido que o rádio adquire para a audiência.

Palavras-chave: comunicação; Estudos Culturais; recepção; rádio; Somar.

1 Introdução

Nas emissoras de rádio AM sediadas em São Luís, capital do Maranhão, a tônica dos programas jornalísticos é a participação da audiência focada nos temas da cidade. As demandas, sugestões e críticas da audiência versam sobre os mais variados assuntos: funcionamento dos serviços públicos, atuação dos poderes Executivo, Legislativo, Judiciário e do Ministério Público, observações sobre a situação das ruas da cidade, abastecimento de água, iluminação pública, problemas com a telefonia celular, coleta de lixo, desenhos da conjuntura política, resultados do futebol, atendimento nos hospitais públicos, valor das tarifas e serviços, comentários sobre decisões políticas e judiciais de grande abrangência, transporte coletivo e valor das passagens, atuação dos políticos em temas de impacto na cidade e tantos outros que dizem respeito ao cotidiano pessoal e aos interesses coletivos.

Os ouvintes com essas características ocupam boa parte da grade de programação das seis emissoras de rádio AM instaladas em São Luís - Educadora (560

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, durante o XVII Encontro de Grupos de Pesquisa da Intercom, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão, email: blogdoedwilson@gmail.com

Khz), Mirante (600 Khz), Difusora (680 Khz), Capital (1180 Khz), Timbira (1290 Khz) e São Luís (1340 Khz) - e são constantemente monitorados pelas assessorias de comunicação da maioria dos gabinetes parlamentares, secretarias municipais e estaduais, órgãos públicos, empresas privadas e entidades dos movimentos sociais, além do monitoramento de empresas especializadas em clipagem radiofônica.

O fluxo informativo entre apresentadores, repórteres, fontes e ouvintes dimensiona os programas jornalísticos como caixa de ressonância da cidade, captando as pulsações, os movimentos, anseios, as vontades e frustrações dos diferentes atores sociais. Gera-se, portanto, uma teia comunicativa formada pela produção e recepção, esta necessariamente constituída pela ação da audiência, tecendo uma rede dialógica por meio das ondas do rádio.

Esse formato de programa começou a ser veiculado em São Luís no início da década de 1990. Com o tempo, a audiência passou a formar uma rede mais consistente e organizada, instituída através da Sociedade dos Ouvintes Maranhenses de Rádio (Somar), uma entidade sem fins lucrativos, criada em dezembro de 2000, congregando pessoas de variadas classes sociais e diferentes profissões. A entidade remetia à ideia de uma comunidade de ouvintes interessada em debater, dialogar e apresentar proposições sobre a cidade. (GOMES, 2013)

Refletindo sobre a participação da audiência nos programas de rádio, Prata (2002, p. 1) evidencia o papel do receptor: “ [...] há uma intensa procura sobre o que pensa, o que quer, o que deseja e como age o receptor e, mais do que isto, entender o receptor como sujeito do processo de comunicação.” No rádio informativo (MEDITSCH, 2007), a ação da audiência desvenda uma forma de vivência entre o emissor e o receptor, mediados pelos aparatos tecnológicos, em constante processo de justaposições e tensões acerca dos temas disponibilizados ao longo dos programas jornalísticos.

Tendo como foco a participação dos ouvintes, através da fala ao vivo por telefone, analiso a audiência militante no contexto da produção e da recepção dos programas jornalísticos das emissoras de rádio AM. Nessa abordagem, utilizo o eixo teórico-metodológico dos Estudos Culturais latino-americanos, com ênfase na Teoria das Mediações, configurada no “mapa noturno” (MARTÍN-BARBERO, 2009).

Os resultados apresentados caracterizam a audiência militante e as suas formas de participação nos programas jornalísticos. Para tal finalidade, foram entrevistados 15

ouvintes e realizado o diário de escuta – acompanhamento e monitoramento sistemático dos programas “Ponto Final”, na Mirante AM, das 8h às 11h, apresentado por Roberto Fernandes; e “Manhã Difusora”, na Difusora AM, das 8h às 10h, ancorado por Silvan Alves. O artigo está organizado, nos tópicos a seguir, encadeando a Teoria das Mediações; as relações entre a produção e a recepção dos programas; e a tipificação dos ouvintes militantes.

2 O “Mapa Noturno”: Os Momentos e as Mediações

Tomando os Estudos Culturais como aporte teórico-metodológico, a partir da Teoria das Mediações e da sua revisão (MARTÍN-BARBERO, 2009), o “mapa noturno” (apêndice A) especializa os momentos (matrizes culturais, lógicas de produção, formatos industriais e as competências de recepção), e as mediações (institucionalidade, tecnicidade, ritualidade e socialidade). Segundo Martín-Barbero (2009), o mapa possui dois eixos: diacrônico, correspondente ao movimento das matrizes culturais para os formatos industriais; e sincrônico, deslocando-se das lógicas de produção às competências de recepção. Na aplicação do “mapa noturno” aos programas jornalísticos das emissoras AM importa o foco nas competências de recepção (ouvintes), buscando compreender como elas se articulam às lógicas de produção (apresentadores).

Refiro-me ao segundo mapa metodológico das mediações, apresentado em 1998, por meio do qual “é possível operacionalizar a análise de qualquer fenômeno social que relaciona comunicação, cultura e política, impondo-se como uma dimensão da articulação entre produtores, mídia, mensagens, receptores e cultura” (LOPES, 2014, p. 71). O segundo mapa metodológico, portanto, é pensado para a totalidade do processo de comunicação, que inclui necessariamente a recepção, merecendo uma abordagem destacada. Nessa perspectiva, o “mapa noturno” é o protocolo mais adequado a esta pesquisa porque desloca o estudo das mediações culturais da comunicação para as mediações comunicativas da cultura, adensando a força da comunicação no diálogo com as emanções da cultura. O núcleo comunicação/cultura/política demarca o centro do “mapa noturno” formulado por Martín-Barbero (2009, p. 16) para entender as mediações:

O esquema move-se sobre dois eixos: o diacrônico, ou histórico de longa duração – entre Matrizes Culturais (MC) e Formatos Industriais

(FI) – e o sincrônico – entre Lógicas de Produção (LP) e Competências de Recepção ou Consumo (CR). Por sua vez, as relações entre MC e LP encontram-se mediadas por diferentes regimes de institucionalidade, enquanto as relações entre MC e CR estão mediadas por diversas formas de socialidade. Entre as LP e os FI medeiam as tecnicidades e entre os FI e as CR, as ritualidades.

Este autor captura as matrizes culturais no eixo diacrônico da relação com os formatos industriais. Atravessando o núcleo comunicação/cultura/política, o deslocamento histórico refere-se às mudanças ocorridas nos gêneros a partir das modificações efetuadas no trânsito entre dinâmicas sociais e discursos públicos. As matrizes são gramáticas gerativas, bacias semânticas onde o arcaico é processado, gerando o novo. E os resíduos, hibridizados, apresentam-se em outras formas e dimensões estéticas, conservando e revolucionando os conteúdos e as formas.

Adequado a esta pesquisa, o conceito de matrizes culturais percorre o arco temporal entre a gênese e a consolidação do rádio no Brasil (Ferraretto, 2009) evidenciando as mutações que resultam na emergência do jornalismo, as coberturas ao vivo e, contemporaneamente, a participação dos ouvintes. A prática cultural da recepção de rádio, que já estava presente nos programas de auditório com a expressiva participação dos fãs clubes, torcidas organizadas e seguidores, hibridiza-se em outras formas de interação; no caso desta pesquisa, através da participação dos ouvintes por telefone.

Dupla mediação atravessa as matrizes culturais. A institucionalidade conecta às lógicas de produção. A socialidade integra às competências de recepção. A institucionalidade está sob influência direta das regras do Estado e do mercado, incidindo sobre a regulação dos discursos, atravessados pelos grupos de pressão de ordem econômica e política, cujos impactos vão incidir na produção dos conteúdos e no direcionamento dos meios.

A institucionalidade tem sido, desde sempre, uma mediação densa de interesses e poderes contrapostos, que tem afetado, e continua afetando, especialmente a regulação dos discursos que, da parte do Estado, buscam dar estabilidade à ordem constituída e, da parte dos cidadãos – maiorias e minorias, buscam defender seus direitos e fazer-se reconhecer, isto é, re-constituir permanentemente o social (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 17-18).

Na prática cultural dos ouvintes dos programas jornalísticos das rádios AM de São Luís, a institucionalidade é a mediação importante para investigar as possíveis formas de interferência dos agentes públicos na gestão das emissoras, através dos

dispositivos de controle como a repartição de verbas publicitárias e seus consequentes impactos na gestão das informações. Na relação entre governo (federal, estadual, municipal) e emissoras de rádio, a institucionalidade traz luz aos condicionantes políticos e econômicos que interpelam o controle das emissoras e podem refletir na relação com a recepção.

As lógicas de produção compreendem o processo de moldagem da matéria-prima que será transformada em bens simbólicos sob a interferência da estrutura empresarial, competência comunicativa e competitividade tecnológica. A produção evidencia também os critérios de decisão, as ideologias profissionais e as estratégias de comercialização. Vinculam-se necessariamente ao momento da produção as rotinas industriais pertinentes à hierarquia, critérios de noticiabilidade, poder de decisão e divisão do trabalho e as interferências internas e externas, de ordem política e comercial, cujas tensões e/ou ajustes à linha editorial da empresa radiofônica podem influenciar nos resultados oferecidos à audiência.

Aplicado a esta pesquisa, o momento LP do “mapa noturno” diz respeito ao processo de produção do gênero jornalístico nas emissoras de rádio, sob a coordenação dos gestores da informação: pauteiros, redatores, operadores de áudio, telefonistas, secretários, repórteres, apresentadores, diretores, editores e demais recursos humanos envolvidos na apuração, elaboração, circulação e consumo de notícias (principalmente) e comentários. Para entender o funcionamento das LP, foram entrevistados os apresentadores dos dois programas selecionados: “Ponto Final” (Mirante AM) e “Manhã Difusora” (Difusora AM).

As lógicas de produção relacionam-se aos formatos industriais pela tecnicidade. Esta mediação é “menos assunto de aparatos do que de operadores perceptivos e destrezas discursivas” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 18). A tecnicidade amplia a percepção, funciona como dispositivo através do qual abrem-se as portas e janelas sensoriais. Posta no cenário da globalização, a tecnicidade refere-se também à conexão do computador com os meios, provocando o aceleração da relação entre discursos públicos e gêneros com os formatos industriais. A retomada do sentido do discurso e da práxis política, o novo estatuto social da técnica e da cultura dimensionam a interpelação da tecnicidade.

Nesta pesquisa, a tecnicidade busca respostas às ressignificações da tecnologia, partindo da oralidade primária (ONG, 1998) – a fala – processada no telefone e no

rádio. A técnica de utilização da palavra – a retórica (Aristóteles, 1959) – é um apanhado teórico necessário para o diálogo com a tecnicidade. O recorte da abordagem nesta mediação é a relação entre os programas jornalísticos, a cidade e os ouvintes na dimensão espaço-temporal que possibilita a conexão entre as pessoas através da palavra falada, ressignificada pelos aparatos tecnológicos.

Os discursos, gêneros e grades de programação compõem os formatos industriais - a materialização das lógicas de produção - articulados às competências de recepção/consumo pela ritualidade, mediação que diz respeito aos usos sociais dos meios. A ritualidade “remete-nos ao nexo simbólico que sustenta toda comunicação: à sua ancoragem na memória, aos seus ritmos e formas, seus cenários de interação e repetição” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 19). Os formatos industriais movimentam-se alimentando e sendo alimentados pelos resíduos e inovações, apresentando no final na linha de produção os gêneros. Por essas características, os formatos são atravessados pela mediação ritualidade, cuja posição configura a relação dos meios com a audiência, ou seja, os usos do olhar, da escuta, da leitura. O nexos entre o arcaico e o contemporâneo é dado pela ritualidade, perpassando todo o processo de comunicação.

O momento das competências de recepção (consumo), principal recorte da pesquisa, é mediado pela ritualidade e socialidade. Esta, por sua vez, materializa-se no cotidiano, naquilo que constrói/forma os sentidos da vida, na teia de relações constitutivas da subsistência, nos laços familiares, tradições, gostos, lazer, religiosidade, trabalho, sexo e outras vivências. O consumo tem lugar nas práticas cotidianas, território simultâneo da desigualdade social e das possibilidades de superação pela via da mobilidade, da ascensão econômica, do sonho, dos projetos de vida, dos desejos alimentados no dia-a-dia, nas rotinas do trabalho, da família e do espaço doméstico. Visto como “conjunto de processos sociais de apropriação dos produtos”, o consumo é interpelado duplamente pela ritualidade (diferentes usos sociais dos meios) e pela socialidade: “o local de devolução para a sociedade (ou para as culturas vividas) do que vem da mídia, que, por sua vez, já saiu em parte dessas mesmas culturas” (ESCOSTEGUY; FELIPPI, 2013, p. 21).

Remetendo às matrizes culturais, a socialidade completa o circuito do “mapa noturno” como espaço de afirmação dos sujeitos da recepção, lugar da ação, permeado pela eclosão dos fatos na ruptura e costura do tecido social, onde se faz e desfaz o cotidiano com as múltiplas narrativas. A socialidade é a estrada do cotidiano onde a

História pavimenta sua escritura, retornando às matrizes culturais. Os ouvintes de rádio AM em São Luís, participantes dos programas jornalísticos, estão situados nas competências de recepção em dupla dimensão: são consumidores e produtores.

3 Tipificação da Audiência Militante

Compreendendo mediação como relação dos usuários com os meios, a fronteira aberta, plataforma de fluxo, membrana porosa, situação de transformação cultural, capturo a atividade dos ouvintes inseridos na relação entre produção e consumo. A partir da Teoria das Mediações, analiso os processos de produção de conteúdo nos programas jornalísticos das emissoras de rádio AM, com ênfase na participação dos ouvintes. No contexto dos momentos e das mediações, todas as etapas são importantes para compreender a dinâmica e as especificidades da geração de conteúdo. Porém, as competências de recepção merecem um olhar teórico e empírico mais apurado. Sendo a atividade dos ouvintes o foco desta pesquisa, a recepção exige um tratamento conceitual de superfície e profundidade, confrontada às revelações do trabalho de campo.

Vários ouvintes, por telefonarem muito aos programas, acabavam sendo facilmente reconhecidos pelos apresentadores quando pronunciavam as primeiras palavras, criando uma espécie de marca vocal que facilitava a sua identificação e reconhecimento por parte da produção.

Suas idades variavam de 38 a 66 anos, sendo que sete tinham entre 41 e 48 anos. Um de 51 anos e dois na faixa dos 60 anos eram aposentados. Os demais tinham trabalho remunerado, em diversas profissões. Do total de entrevistados, sete cursaram Ensino Médio, um Ensino Fundamental, um tinha Mestrado, três eram graduados, dois afirmaram ter curso superior incompleto e um era graduando.

Quanto à localização de residência, eles estavam distribuídos em variados bairros de São Luís: periferia, nas áreas de classe média e apenas um na região nobre da cidade. Três entrevistados tinham vinculações diretas com partidos políticos e um deles já foi candidato a vários cargos eletivos do Legislativo e do Executivo, sendo uma figura pública na cidade.

Para a análise dos resultados, tomei a movimentação dos eixos diacrônico e sincrônico, que correspondem, respectivamente, ao deslocamento das matrizes culturais aos formatos industriais e das lógicas de produção às competências de recepção,

segundo o “mapa noturno” (MARTÍN-BARBERO, 2009). A partir das emanações do campo, sob a lente das mediações, interpretei a constituição do tecido da cidade nos programas jornalísticos. Articulei tecnicidade e ritualidade como mediações complementares, abordando as modificações e permanências no hábito de ouvir rádio, buscando extrair os processos de construção dos rituais da audiência e como essa dinâmica modelava a prática cultural dos ouvintes. As mediações socialidade e institucionalidade permitiram contornar as formas constitutivas da vida cotidiana e suas relações com o rádio, onde era possível interpretar a prática cultural da audiência, considerando as suas táticas e habilidades no uso das técnicas de falar nos programas regulados pelos dispositivos de controle das emissoras.

Visando enquadrar os ouvintes quanto à frequência de participações e ação nos programas jornalísticos, eles foram qualificados em militantes e sazonais. Os primeiros caracterizavam-se pela interferência constante nas emissoras, falando diariamente em vários programas. Os segundos reservavam-se às participações ocasionais falando ao vivo, preferindo utilizar o mecanismo de mensagens de texto. Do total de 15 entrevistados, nove foram identificados como militantes e seis sazonais. As entrevistas e o diário de escuta, sob a luz do “mapa noturno” (Martín-Barbero, 2009), permitiram analisar a participação dos ouvintes nos programas jornalísticos das emissoras de rádio AM com alguns aportes que evidenciavam a dimensão comunicativa da cultura, sedimentada na prática da audiência ativa. Portanto, o diálogo entre as emanações do campo e o protocolo teórico-metodológico possibilitou fazer a seguinte tipificação da audiência militante, levando em conta seus perfis, características e sentidos atribuídos aos programas.

Enciclopédico - Manifestava-se sempre com didatismo. Era um tipo erudito. Participava para demonstrar conhecimento vasto sobre diversos assuntos. Corrigia informações erradas (como datas, nomes de personagens, fatos históricos e conceitos) e também lançava perguntas durante os programas, a fim de obter respostas dos outros ouvintes. Ele construía nos programas jornalísticos o sentido do púlpito: lugar da pregação, carregava a palavra como verdadeira e última.

Analítico-propositivo - Discorria com profundidade sobre um tema, criticava a gestão pública, os parlamentares e coresponsáveis sobre uma determinada situação irregular e apresentava propostas para resolver as situações. Era um tipo colaborativo, com sólida base de conhecimento sobre temas que mais afligiam a população. O sentido

construído nos programas jornalísticos era o do parlamento: ambiente do debate e da formulação de propostas para a cidade.

Temático - Reservava-se a participar apenas dos assuntos sobre os quais tinha domínio ou conhecia com relativa profundidade. Manifestava-se sobre temas específicos e apresentava uma fala baseada em dados, leis e outros subsídios. Não era um ouvinte exageradamente participativo. Para este ouvinte o programa era um fórum: reunião de pessoas para debater um tema (algo parecido com *chat* de internet).

Palpiteiro – Era um participante contumaz, opinava sobre quase todos os assuntos em várias emissoras, diariamente. O conteúdo era pouco consistente e revelava conhecimento superficial acerca dos temas abordados. Insistia em dar opinião e visava também ganhar reconhecimento pela participação. O rádio era a praça: lugar de conversação difusa, onde se podia falar sobre tudo que envolvia a cidade.

Reivindicatório - Participava solicitando alguma providência (asfaltamento, abastecimento de água, iluminação, limpeza das ruas e segurança) para a comunidade onde morava. Era um tipo de ouvinte vinculado a entidades associativas que usava o rádio para potencializar sua ação no bairro, com isso ganhando visibilidade. O sentido dos programas era da administração pública, tribunal e Ministério Público: lugares de prática e busca da Justiça, onde era possível exercer uma postura apelativa às autoridades.

Indignado - Tinha posição iconoclasta e panfletária. Era contra os políticos de forma geral, que considerava iguais e corruptos. A fala não tinha consistência ideológica ou partidária. Era um tipo de ouvinte que extravasava no rádio as injustiças, irregularidades e desvios de conduta dos gestores, do Judiciário e do Ministério Público. O rádio era o lugar do desabafo. O sentido do programa era o alto-falante: artefato de amplificação da voz, pelo qual era possível extravasar, protestar, gritar, destilar os sentimentos de revolta, lamentação e ceticismo diante do caos na cidade.

“Mula” - Participava dos programas para defender com veemência um político ou uma administração. A fala deixava rastros de ligação do ouvinte com algum parlamentar ou gestor. Os elogios eram exagerados, enaltecendo a figura do vereador, deputado, secretário ou prefeito. O programa era o gabinete: lugar de assessoramento da ação parlamentar ou executiva, onde se processava a agenda positiva de interesse político-partidário.

Político - Participava visando se colocar na posição de representante da comunidade, com o objetivo de obter visibilidade e reconhecimento na sua região de atuação e tornar-se conhecido junto aos apresentadores, repórteres e no conjunto da audiência. Incorporava o papel do vereador ainda sem mandato, projetando-se para os pleitos eleitorais. Geralmente estava vinculado às organizações comunitárias, associações de moradores ou de práticas desportivas. O rádio era o palanque: lugar de apresentação, palco onde buscava chamar atenção da comunidade radiofônica.

Em comum, o que havia nestes diversos tipos de ouvintes militantes? Eles comungavam o desejo de estar junto através do rádio, o tambor tribal (McLuhan, 1969) que convocava todos para uma narrativa coletiva sobre a cidade. Os programas jornalísticos eram, sobretudo, o espaço-tempo do encontro entre as pessoas, a liga da cidade, o tambor que chamava, convocava, agregava, tribalizava, formava o laço social, punha em conexão a rede social dos integrantes da Somar. A prática dos ouvintes falantes exercitava a comunhão da vida cotidiana, a partilha dos problemas e a busca de soluções, as angústias, esperanças e perspectivas disponibilizadas nas camadas interpretativas e opinativas adicionadas às vozes oficiais da produção e aos interesses coletivos e individuais.

Contumazes, os ouvintes militantes eram cronistas do cotidiano, repórteres informais, comentaristas sem contrato de trabalho, analistas não institucionalizados na hierarquia das emissoras. Estes locutores compunham o imenso mosaico discursivo dos programas jornalísticos. A palavra falada em movimento dava poder e colocava em ação uma audiência plural e ativa. Assim, a cidade era narrada por múltiplos locutores, construindo os relatos mesclados e filtrados pelos sentidos dos apresentadores, repórteres e fontes. Nesse sentido, o rádio AM como tambor tribal, meio gregário, convocava a comunidade de ouvintes a compartilhar a realidade e debater a cidade. O diagnóstico dos ouvintes colocava-os na condição de auditores informais da cidade. E o rádio AM, a ouvidoria.

Considerações Finais

No geral, a narrativa elaborada na produção era adicionada a outros ingredientes, dos ouvintes, capturados nas pulsações da cidade: o trânsito, a vida comunitária, a violência, a postura dos parlamentares, juízes, promotores, delegados, administradores

municipais, estaduais, federais e tantos outros. A audiência disponibilizava na grade de programação, diariamente, seus reclames, análises, demandas, sugestões, críticas, desabafos e pedidos. Os programas jornalísticos eram a tribuna informal da política, o consultório sentimental, a sala de inquérito, a praça, o lugar do encontro entre as pessoas, o parlamento e a ouvidoria dos comuns, dos sem mandato, dos simples aos indignados, ou daqueles interessados na representação e na visibilidade que o rádio AM proporcionava.

Empoderados na condição de falantes, os ouvintes militantes projetavam na audiência invisível a visibilidade que desejariam ter. Sua ação verbal vislumbrava o reconhecimento e o mérito. Para isso, lançavam mão da retórica, através da qual profetizavam causas, sacudiam bandeiras, ataçavam denúncias, reivindicações, faziam proposições, apresentavam soluções ou emitiam pedidos e apelos. Assim, as lógicas de produção passavam por um permanente processo de tensionamento das competências de recepção. Esse tecido constituinte da cidade trouxe à mostra uma prática cultural dos ouvintes, reconstituída na pesquisa qualitativa que revelou os hábitos e os ritos pertinentes ao rádio, suas reconfigurações ao longo do tempo e as atualidades. Nesse espectro, o “mapa noturno” mostrou-se adequado para capturar o movimento diacrônico da gênese dos auditórios, suas remodelações e a formação de uma entidade dos ouvintes – a Somar.

Os programas jornalísticos evidenciavam o transbordamento do cotidiano dos bairros no rádio, onde a recepção constituía-se em uma prática política cidadã. Os ouvintes, investidos na condição de portadores de direitos, buscavam no rádio a cura para as feridas abertas da cidade, onde o verbo se fazia carne. A relação entre os ouvintes e a cidade, mediada pelo rádio, criava vínculos e proximidade, desencadeava a mobilização popular e elevava a audiência a uma condição de portadora de direitos. Não só do direito à informação, mas de ativar por uma plataforma midiática – os programas jornalísticos – o exercício reivindicatório e fiscalizatório perante a gestão pública.

O rádio AM, pela sua instantaneidade, mobilidade e capacidade de penetração no meio popular, reunia as condições ideais para essa audiência específica, engajada no debate permanente e na busca de soluções para os problemas vivenciados diariamente nos mais diversos bairros. O protagonismo da recepção se dava na contradição entre o controle das emissoras e a abertura à participação da audiência; no conflito entre a liberdade da fala e as formas de silêncio. Dessas oposições emergia a ágora eletrônica, o

lugar de circulação dos discursos dos interlocutores, evidenciando o rádio AM como uma plataforma política no contexto institucional da cidade.

Sendo assim, os programas jornalísticos das emissoras de rádio AM compunham tribunas informais onde as opiniões e demandas de ouvintes eram intermediadas pelos apresentadores e os gestores públicos passavam a ser cobrados, criticados, elogiados e até julgados. Os programas também constituíam câmaras legislativas não oficiais, lugares de debate e formulação de propostas sobre a cidade. Os ouvintes, ao participarem dos programas para dialogar e debater sobre a cidade, utilizando principalmente a palavra falada ao vivo, evidenciavam a utilização do rádio reconfigurado no sentido da ágora eletrônica.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Introdução e notas: Jean Voilquin e Jean Capelle. Tradução de: Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.

BRECHT, Bertolt. Teoria do rádio (1927-1932). In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2005. v. 1.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/35295718/Cartografias-dos-estudos-culturais-Uma-versao-latino-americana#scribd>>. Acesso em 20 dezembro 2015.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; JACKS, Nilda. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; FELIPPI, Ângela. Jornalismo e estudos culturais: a contribuição de Jesús Martín-Barbero. **Revista Rumores**, v. 7, n. 14, p. 8-27. jul./dez. 2013.

FERRARETTO, Luiz Arthur. Rádio e capitalismo no Brasil: uma abordagem histórica. In: HAUSSEN, Doris Fagundes; BRITTOS, Valério Cruz. **Economia política, comunicação e cultura: aportes teóricos e temas emergentes na agenda política brasileira**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

_____. **Rádio no ar: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.

GOMES, João Carlos Silva. **João Carlos Silva Gomes: depoimento** [out. 2013]. Entrevistador: Ed Wilson Ferreira Araújo. São Luís, 2013. áudio digital. Entrevista concedida à pesquisa de doutorado O Rádio Tece a Cidade (UFMA/PUCRS).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Trad. de: Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

_____. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Denis (Org.). **Sociedade midiaticizada.** Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** Trad. de: Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação:** teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: Insular, 2007.

ONG, Walter. Trad. de: Enid Abreu Dobrânszky. **Oralidade e cultura escrita:** a tecnologia da palavra. Campinas: Papirus, 1998.

PRATA, Nair. **A fidelidade do ouvinte de rádio.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM), 25., 2002, Salvador. **Anais...** Salvador: INTERCOM, 2002.

_____. **Webrádio:** novos gêneros, novas formas de interação. Florianópolis: Insular, 2009.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. As transformações da notícia de rádio na fase pós-televisão. **Estudos em jornalismo e mídia**, v. 1. n. 1. p. 34-45. 1. Jan.-Jun. 2004.

Apêndice A – Mapa Noturno

